

## APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer que a Aufklärung traz ao público afeto à rica tradição fenomenológico-existencial o Dossiê Sartre. Fruto, em grande parte, dos minicursos realizados por ocasião do 24º Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE, Campus Toledo, transcorrido no período de 23 a 25 de outubro de 2019, esse rico material testemunha um projeto de longo alcance! Nele, em sua maioria, estão reunidos textos que versam sobre a temática do minicurso promovido no evento: “Sartre: perspectivas filo-literárias”. Ao mesmo tempo, o Dossiê aqui, em curso, também explora outras vertentes da reflexão sartriana como o diálogo com a psicanálise e a política. A fim de que o leitor, desde já, disponha, em primeira mão, de um panorama geral de cada uma dessas colaborações, retratemos sumariamente seus temas corolários.

No primeiro artigo, **Revolução estética - a livre invenção de espaços de liberdade (olhar fenomenológico-existencial da normatividade ética a partir de imagens)**, Luciano Donizetti da Silva mostra que a filosofia de Sartre é ‘filosofia da liberdade’, donde todo homem e toda mulher não somente é ‘livre’ como, também, é a fonte daquilo que se pode chamar de existência libertária; ora, se assim é por que o mundo se revela, sempre, como a mais nefasta das prisões? Aí nos deparamos com um paradoxo: o homem é livre ‘em situação’, e será da situação (ou em obediência à normatividade) que ele deverá propor seu modelo de homem-livre. Ora, o que o texto propõe é um exercício dessa ordem, tendo por fundamento o ‘olhar fenomenológico’ como base da discussão da normatividade presente em imagens representativas da má-fé estética. Luiza Helena Hilgert expõe no artigo segundo, **Filosofia e literatura: sobre o romance *La nausée***, como a filosofia e a literatura fazem parte do conjunto do pensamento sartriano. Para tanto, a comentadora analisa o primeiro romance publicado, *La nausée*, de 1938. O estudo será, sobretudo, dos excertos que remetem aos conceitos

de contingência, gratuidade e facticidade. Trata-se, ainda, de examinar como a máxima do existencialismo, a saber, a existência precede a essência, já se encontra presente nesta obra cuja escrita foi iniciada no início da década de 1930 e, conseqüentemente, as implicações teóricas de se expressar verdades metafísicas pela via da ficção. O terceiro ensaio, **Les mouches: liberdade situada e reflexividade em Jean-Paul Sartre**, Marivania Cristina Bocca e Tiago Soares dos Santos visam a discutir alguns dos fundamentos teórico-metodológicos utilizados por Sartre em seus escritos dramáticos – mais precisamente, em sua peça teatral *Les Mouches* (1943). Sartre expõe, a partir da trama dramatúrgica vivida pelo personagem Orestes, a angústia deste em ter que exercitar o segredo de sua condição ontofenomenológica de saber-se livre. Sartre então advoga, nessa peça, a favor (ou contra) Orestes na medida em que o personagem precisa, por meio de sua consciência reflexiva de liberdade, criar o seu caminho para romper com a lógica imposta socialmente, sem que, no entanto, esse processo de ruptura se afigure como uma obrigação. Por fim, a análise revela que toda a ação de Orestes atende a um princípio estrutural de toda e qualquer ação que tem em seu bojo a dialética e a infestação do nada sobre aquilo que é. Já no quarto artigo, **A experiência do non-sens em Roquentin: A Náusea sob as lentes da psicanálise**, Renato dos Santos se detém em pensar o fenômeno da angústia, decorrente do *non-sens* tal qual é experienciado pelo personagem Roquentin, em *A náusea*, de Sartre, buscando estabelecer uma leitura a partir de alguns conceitos da psicanálise de Freud e Lacan, dentre eles a castração, *das Ding*, real, extimidade, desejo e angústia. O artigo conclui traçando alguns paralelos entre a afirmação da finitude em Roquentin e a responsabilização do desejo conforme a psicanálise. Em **O caráter nadificador da consciência imaginante**, Lucas Rodrigues busca explicitar o conceito de *analogon* em sua relação com o real. Nesse quinto trabalho, o autor se propõe mostrar, via um prisma sartriano, que a consciência imaginante tem um modo próprio de intencionar os objetos, operando um ato nadificador que ultrapassa o real. Através do conceito de *analogon*, essa consciência realiza um movimento no qual, deixa a percepção do real em segundo plano e visa o irreal. A arte, por sua vez, permite questionarmos a tensão entre esses pontos. Segundo Sartre, o objeto estético está no irreal, ele opera a passagem da consciência perceptiva à consciência imaginante. Embora represente uma fuga da realidade, o ato nadificador da consciência imaginante não decorre da alienação do sujeito. A obra da arte é a manifestação da liberdade artística de negar o real e, ao mesmo tempo, modificá-lo implicitamente. Daniela Ribeiro Schneider em **A fenomenologia de Heidegger e Sartre em suas diferenças** explora as divergências de tratamento quanto aos temas fenomenológicos abordados por cada um desses filósofos. Dentre as questões capitais, discorridas nesse sexto trabalho, elencam-se o problema da diferença ontológica, o estatuto da ciência e a crítica à teoria do conhecimento. A autora também circunscreve esses temas à luz de uma aproximação mais fecunda no terreno da psicologia e da psicopatologia. Em **Literatura e Humanismo: fenômenos éticos no confronto entre Sartre e Dostoiévski**, sétimo ensaio do Dossiê, Cristiane Picinini aborda que, no final de *O ser e o nada*, Sartre alude a um possível tratado de ética,

nunca realizado como obra à parte; nessa mesma obra-mestra, porém, encontramos um rol de observações críticas voltadas às concepções éticas mal fundamentadas. Os principais conceitos envolvidos nessa elucidação são os de liberdade, responsabilidade, contingência, facticidade, alienação, crença, má-fé, o problema do Outro, o passado, que traduzem manifestações humanas, e, portanto, implicam à ética de uma sociedade. É nesse sentido que a autora visa estabelecer um confronto conceitual entre a filosofia humanista e a literatura russa de Dostoiévski acerca do tema da responsabilidade ética esclarecendo, principalmente, os conceitos de Liberdade, Responsabilidade e Má-fé em cada autor. O oitavo texto, **O fenômeno da angústia: interfaces entre Graciliano Ramos e Sartre**, *Camila Pacheco Gomes* objetiva dialogar através de um viés filosófico e literário, a temática do fenômeno da angústia, sob uma perspectiva sartriana tendo como pano de fundo o romance *Angústia* (1936) de Graciliano Ramos. Se, para Sartre, a angústia é ontofenomenologicamente constitutiva da condição humana, Graciliano retrata o fenômeno da angústia descrevendo o sujeito como um ser que é livre e, ao mesmo tempo, aprisionado em sua própria liberdade, experienciando a angústia em sua existência. Em **A estética do movimento: uma leitura sartriana da psicoterapia a partir da arte de Alberto Giacometti**, *Daniel Marcio Pereira Melo* e *Georges Daniel Janja Bloc Boris* discutem o conceito de estética do movimento. Nesse nono trabalho, os autores partem, essencialmente, de reflexões sobre o sentido estético na psicoterapia fenomenológico-existencial além de abordar o processo de psicoterapia como resultado da construção de um sentido estético que se projeta para além da fala. São as reflexões feitas por Jean-Paul Sartre sobre a arte de Alberto Giacometti que se podem encontrar os subsídios teóricos para a apresentação do conceito estética do movimento, numa tentativa de contribuição à psicoterapia fenomenológico-existencial. *Gerardo Miguel Nieves-Loja*, em **El existencialismo de Sartre, orígenes y contextos: una lectura a partir de Hannah Arendt**, visa explorar o existencialismo de Sartre via o contexto francês e europeu, evidenciando suas origens. Ao mesmo tempo, nesse décimo ensaio, Nieves-Loja passa também a analisar a interpretação de Hannah Arendt frente ao existencialismo. Trata-se, ainda de mostrar que Sartre e Arendt representam a resistência intelectual no sentido de reconstruir a cidadania a partir da liberdade, da espontaneidade e da pluralidade. O Dossiê encerra com o texto de *Claudinei Aparecido de Freitas da Silva*, **Aportes clínicos sartrianos III: método progressivo-regressivo**. Em suas linhas gerais, o texto se orienta, via os instrumentos fenomenológicos aliados a uma perspectiva marxista, em situar à luz da obra de Sartre, um espaço de interrogação da prática clínica. Para tanto, a análise se concentrará na reconstituição dos pressupostos de uma psicanálise existencial e do método progressivo-regressivo de inspiração lefebvriana a fim de advogar, ao invés de uma ruptura, uma convergência de fundo essencialmente decisiva.

Em fluxo contínuo, essa edição também é contemplada com o artigo **O Tempo em Heidegger e Mann** de *Libanio Cardoso*. O autor busca sugerir e dar base conceitual a uma dupla iluminação entre o romance *A montanha mágica*, de Thomas Mann, e o tratado de filosofia *Ser e tempo*, de Martin Heidegger, quanto à concepção de tempo.

Pretende-se mostrar, mediante análise da estrutura da primeira parte do romance de Mann, que também nele o conceito de existência é “temporalizado”. O caminho para dar consistência a essa hipótese prevê três passos: (1) elucidar, brevemente, a concepção heideggeriana de temporalidade; (2) analisar a estrutura e elementos da primeira parte do romance de Mann, em contínua referência à força do prólogo; (3) sugerir aproximações entre a forma da primeira parte de *A montanha mágica*, e suas conquistas narrativas, às noções advindas do tratado *Ser e tempo*.

Isso posto, cabe, aqui, uma nota de agradecimento à Revista *Aufklärung* e ao seu editor-chefe, professor doutor Betto Leite da Silva pelo acolhimento a esse projeto!

*Claudinei Aparecido de Freitas da Silva*

Editor responsável do Dossiê Sartre